



<b>Evento</b>	Salão UFRGS 2014: SIC - XXVI SALÃO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UFRGS
<b>Ano</b>	2014
<b>Local</b>	Porto Alegre
<b>Título</b>	PERFIL SOCIOECONÔMICO E RACIAL DAS MULHERES ATENDIDAS NO PROGRAMA DE REPRODUÇÃO ASSISTIDA DO HOSPITAL DE CLÍNICAS DE PORTO ALEGRE
<b>Autor</b>	MICHELLE DA SILVA SCHONS
<b>Orientador</b>	MARILISE OLIVEIRA MESQUITA

O Hospital de Clínicas de Porto Alegre (HCPA) possui um Programa de Reprodução Assistida, o qual podem participar as usuárias do Sistema Único de Saúde, encaminhadas pelas unidades básicas. O presente trabalho teve o objetivo de conhecer o perfil socioeconômico e demográfico das mulheres atendidas no serviço de reprodução assistida do HCPA e verificar se o acesso entre mulheres brancas e negras (pretas/pardas) é semelhante. Para tanto, foi aplicada uma entrevista estruturada com todas as usuárias que acessaram o serviço no período de janeiro de 2013 a março de 2014. No presente estudo foram entrevistadas ao todo 142 mulheres, sendo 110 da raça/cor branca (77,5%) e 32 da raça/cor pretas/pardas (22,5%). Dados do estudo apontam que, das mulheres que acessaram o Programa de Reprodução Assistida, tanto as brancas, quanto as pretas/pardas, em sua maioria, residem na Macrorregião Metropolitana (73% e 81% respectivamente). Com relação à escolaridade, tanto as mulheres brancas quanto as pretas/pardas possuem o ensino médio completo (34% e 50%, respectivamente) e apenas 11% das mulheres brancas e nenhuma mulher negra/parda tem ensino superior. Pelos níveis de escolaridade encontrados foi possível observar que as brancas tiveram mais anos de estudo. Essa situação se confirma quando se agrupa ensino superior (completo e incompleto) e pós-graduação, totalizando 32% entre as brancas e 15,6% entre as pretas/pardas. Em relação à ocupação, a maioria das mulheres, tanto brancas quanto pretas/pardas possui trabalho fixo, mas se observou uma ligeira diferença de 17% em favor das brancas. As pretas/pardas, majoritariamente, são ocupadas com o lar (25%) e/ou autônomas (18,8%). No que se refere à renda familiar, observa-se um contraste entre as brancas e pretas/pardas, sendo que as autodeclaradas brancas recebem salários mais altos. As brancas, em sua maioria, estão na faixa acima dos 3 salários mínimos (39%), seguida por até 3 salários (33,6%). Já a metade das mulheres pretas/pardas recebem até 2 salários mínimos (50%), seguido por até 3 salários (31,2%). Quando se refere à religião, ambos grupos representativos da raça/cor, são em sua maioria, católicas, porém com maior representação das mulheres brancas (64,5%) do que as pretas/pardas (56,25%). Com relação à caracterização dos dados relativos à infertilidade, o tempo esperado pelas usuárias para procurar a primeira consulta foi diferenciado entre as mulheres brancas e as pretas/pardas, sendo aquelas de 5 a 8 anos (38%) e estas de 2 a 4 anos (43,75%). Pode-se inferir que as mulheres pretas/pardas esperam menos tempo para buscar solução para o problema. No entanto este dado deve ser avaliado com cuidado já que usuárias pretas/pardas vivem na sua maioria na Macrorregião Metropolitana, o que pode facilitar o acesso ao serviço de reprodução assistida. Destacando a equidade no acesso como princípio do Sistema Único de Saúde, ressalta-se a importância de se conhecer o perfil da usuária no serviço de reprodução assistida, dando ênfase especial ao quesito raça/cor, para que as especificidades raciais sejam consideradas, possibilitando a construção de indicadores para a saúde coletiva.